



Antonio CORTIJO, Vicent MARTINES, Armando Alexandre dos SANTOS (orgs.). *Mirabilia* 30 (2020/1)

War and Disease in Antiquity and the Middle Ages
Guerra y enfermedad en la Antigüedad y la Edad Media
Guerra i malaltia en l'Antiguitat i l'Edat Mitjana
Guerra e doenças na Antiguidade e Idade Média

Jan-Jun 2020/ISSN 1676-5818

Coronavírus, cisnes negros e rinocerontes cinzentos

Joandomènec ROS²⁷

Os diferentes governos, da China aos Estados Unidos, passando pela Espanha e pelos outros países europeus (assim como a OMS em um primeiro momento), quiseram se justificar diante do terrível impacto sanitário, mas também econômico e social do Covid-19, doença causada por um coronavírus. A explicação foi praticamente unânime: ninguém havia previsto um efeito tão drástico e uma propagação tão veloz e, em consequência, os estados não estavam preparados para fazer frente à situação. Deixando de lado se isso é acreditável, após a propagação da doença na China, no Irã e na Itália e, portanto, dos avisos que chegaram à Europa do desastre que se ia aproximando em um mundo globalizado no qual as distâncias nada significam, talvez convenha refletir acerca de fenômenos avassaladores que se precipitam sobre nós sem que, supostamente, ninguém tenha previsto sua aparição, suas consequências e seus possíveis remédios.

Embora o coronavírus seja um micróbio, utilizarei dois símiles de animais para explicar a aparição repentina e inesperada (ou não) de fenômenos como o Covid-19, mas também de outros desastres “imprevistos”, sejam eles econômicos, sociais, políticos ou outros mais.

I. Os cisnes negros

Juvenal, poeta romano que viveu entre os séculos I e II da Era Comum, escreveu as famosas *Sátiras*;²⁸ nas quais descrevia de maneira irônica a vida da Roma de seu tempo. Algumas frases de seus poemas sobrevivem até os nossos dias e são de conhecimento geral: *mens sana in corpore sano*, *panem et circenses*, *quis custodiat ipsos custodes*, *rara avis*, entre outros. Esta última, precisamente, forma parte de uma frase mais extensa, *rara avis in terris nigroque simillima cycno*, “uma ave rara na terra, muito parecida com um cisne negro”.

Um cisne negro era, há dois mil anos, realmente uma *rara avis*: só se conheciam cisnes brancos, europeus; quando, séculos mais tarde, foram descobertos cisnes negros (endêmicos na Austrália), já não foi possível modificar o significado de “cisne negro”, que ainda hoje se continua interpretando como algo muito estranho, imprevisto, que

²⁷ **Catedrático** de Ecologia da Universitat de Barcelona. Presidente do [Institut d'Estudis Catalans](http://Institut.dEstudis.Catalans). E-mail: jros@iec.cat.

²⁸ DECIMUS JUNIUS JUVENAL. *Sátiras*. Madrid: Cátedra, 2007.



Antonio CORTIJO, Vicent MARTINES, Armando Alexandre dos SANTOS (orgs.). *Mirabilia* 30 (2020/1)

War and Disease in Antiquity and the Middle Ages
Guerra y enfermedad en la Antigüedad y la Edad Media
Guerra i malaltia en l'Antiguitat i l'Edat Mitjana
Guerra e doenças na Antiguidade e Idade Média

Jan-Jun 2020/ISSN 1676-5818

ocorre de modo impensado e transtorna uma situação de há muito estabelecida: um paradigma que se considerava assente, comprovado e bem estabelecido cambaleia e desmorona ante a aparição desse “cisne negro”.

Há toda uma série de exemplos, de epidemias a revoluções sociais e políticas, de vitórias (ou derrotas) bélicas imprevistas a tsunamis, da queda de meteoritos à bomba demográfica, de Chernobyl a Fukushima, de Pearl Harbour ao Vietnã. (Mais adiante consideraremos se esses e outros “cisnes negros” eram, de fato, tão contingentes e inesperados quanto pareciam).

Nassim Nicholas Taleb, estatístico e ensaísta norte-americano de origem libanesa, publicou em 2007 o livro *Black Swan*,²⁹ no qual expôs as características de um evento desse tipo: para começar, um “cisne negro” é algo atípico, fora do âmbito das expectativas regulares; não há nada no passado que indique sua possibilidade. Em segundo lugar, produz um grande impacto. Em terceiro, apesar dessa raridade, criamos explicações pós-factuais de sua ocorrência, e acabamos por concluir que era um evento explicável e previsível. Como o próprio Taleb resumiu em uma entrevista ao *New York Times*, ele tem essas três características: “raridade, impacto extremo e previsibilidade em retrospecto, não em prospectivas. Um pequeno número de 'cisnes negros' explica quase tudo em nosso mundo, desde o sucesso das ideias e das religiões, até a dinâmica dos acontecimentos históricos e os elementos de nossa vida pessoal”.

A pandemia do Covid-19 seria para alguns (especialmente os responsáveis por combatê-la) um “cisne negro”, algo que ninguém tinha previsto. E, acrescento, de acordo com a definição de Taleb, algo que produz um enorme impacto, que ainda não podemos calibrar, mas que pode mudar o mundo tal como o conhecíamos; houve quem dissesse que “a pandemia de coronavírus não é o fim do mundo, mas é o fim deste mundo”.

O próprio Taleb e muitos outros negam que a atual pandemia seja um “cisne negro”. De acordo com o que declarou a uma televisão, “Era claramente um 'cisne branco', nós alertamos e insistimos que deveria ser morto quando ainda estava no ovo; que tínhamos muitos indícios de que ele chegaria, de que poderia ser catastrófico, e não se fez caso. Os governos não quiseram gastar centavos em janeiro [de 2020] e agora terão que gastar bilhões”.

²⁹ TALEB, Nassim Nicholas. *The Black Swan. The Impact of the Highly Improbable*. Nueva York: Random House, 2007.



Antonio CORTIJO, Vicent MARTINES, Armando Alexandre dos SANTOS (orgs.). *Mirabilia 30* (2020/1)

War and Disease in Antiquity and the Middle Ages
Guerra y enfermedad en la Antigüedad y la Edad Media
Guerra i malaltia en l'Antiguitat i l'Edat Mitjana
Guerra e doenças na Antiguidade e Idade Média

Jan-Jun 2020/ISSN 1676-5818

II. Os rinocerontes cinzentos

Aqui entra em cena o outro símile animal: o “rinoceronte cinzento”. Existem rinocerontes de diferentes espécies, mas os mais conhecidos (e ameaçados) são o branco e preto, ambos africanos. (Eles não têm essas cores: sua pele blindada possui um tom acinzentado mais escuro, no caso do preto, ou mais claro, no caso do branco.) O “rinoceronte cinzento” é uma mistura de ambos e tem as características desses animais, quando se olha para ele, por exemplo, do veículo de um safari africano: você o vê de longe, mas de repente ele galopa em direção ao seu veículo; você sabe que é um animal muito perigoso e que, portanto, representa uma ameaça muito provável e séria..., mas não lhe dá importância, porque acredita que seu veículo resistirá a uma possível carga desse paquiderme irritável. Quando, finalmente, o choque acontece, seu veículo é destruído e você é ferido pelo imenso chifre do rinoceronte, somente então você se dá conta de que foi imprudente, pois não faltaram sinais de aviso e perigo, mas você os ignorou.

A analista política Michele Wucker escreveu um livro inteiro sobre os rinocerontes cinzentos (Wucker, 2016).³⁰ Distingue quatro categorias deles: os rinocerontes que atacam: problemas que surgem de inopinado e precisam ser resolvidos rapidamente; precisamos saber com que rapidez eles estão se movendo e que mal poderão causar. Os rinocerontes recorrentes: problemas que já ocorreram em outra ocasião e dos quais temos alguma experiência que pode nos ajudar a lidar com a atual: crises financeiras, epidemias de gripe etc. Os meta-rinocerontes são os mais perigosos; são aqueles fatores estruturais que nos impedem de lidar adequadamente com os problemas; Wucker culpa a direção das empresas, ou seja, a política de gestão empresarial, porque possui uma rigidez impermeável às mudanças: é o *business as usual*.

Por fim, existem os rinocerontes não identificados, que não deixam entrever no que consiste realmente o problema; a autora aponta as mudanças que a inteligência artificial causará em muitas áreas, mudanças supostas, mas muito incertas (por exemplo, Yuval N. Harari, 2016, 2018,³¹ identificou algumas mudanças sociais e econômicas, mas podem ser outras. O que está claro é que, diante de um rinoceronte cinzento do qualquer tipo, a pior coisa que você pode fazer é não fazer nada.

³⁰ WUCKER, Michele. *The Gray Rhino: How to Recognise and Act on the Obvious Dangers We Ignore*. Nueva York: St Martin Press, 2016.

³¹ HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus. Breve historia del mañana*. Barcelona: Debate, Penguin Random House. 2016.; *21 lecciones para el siglo XXI*. Barcelona: Debate, Penguin Random House, 2018.



Antonio CORTIJO, Vicent MARTINES, Armando Alexandre dos SANTOS (orgs.). *Mirabilia 30* (2020/1)

War and Disease in Antiquity and the Middle Ages

Guerra y enfermedad en la Antigüedad y la Edad Media

Guerra i malaltia en l'Antiguitat i l'Edat Mitjana

Guerra e doenças na Antiguidade e Idade Média

Jan-Jun 2020/ISSN 1676-5818

III. É preciso não se distrair

Toda essa digressão e, especialmente, os ensaios mencionados, entre muitos outros que poderíamos citar e que proliferaram nos últimos tempos, nos levam a uma conclusão inelutável: eventos catastróficos podem ser previstos (de fato, alguém os previu há muito tempo); não estamos preparados para tratá-los por descuido (governamental ou de especialistas acadêmicos, que preferem elucubrar sobre assuntos em que têm certeza) ou por mesquinha; quando eles finalmente nos assaltam, aplicamos a eles mecanismos, armas, protocolos etc. de rotina, os quais é compreensível que não funcionem, porque foram preparados para um tipo de eventos completamente distinto. E, é claro, nos defendemos dizendo que este ou aquele evento é um “cisne negro”, quando na realidade ele é um “rinoceronte cinzento”, que existia e nos ameaçava há muito tempo, mas do qual não fizemos caso (Sheng, 2017; Baram, 2020).³²

Para encontrar soluções para esses eventos catastróficos com os quais os gabinetes de crise *post facto* dificilmente conseguem lidar, há que tirar proveito do conhecimento dos *think tanks* que fazem da pesquisa prospectiva séria sua principal atividade. Em todas as áreas, das ciências às humanidades, das ciências sociais à tecnologia, há especialistas dedicados a formular cenários futuros e formas de enfrentá-los com garantias de sucesso. Ultimamente, a inteligência artificial foi adicionada à inteligência natural desses especialistas, e se torna difícil encontrar uma situação econômica, social, técnica, de saúde futura complexa etc. que não tenha sido prevista e para a qual não se tenha já esboçado algum modo de resolver, ou de adaptar, evitar, transformar a fim de se obter alguma vantagem etc.

O problema é que essas abordagens para resolver problemas futuros, mas previsíveis (insisto, todos o são: não existem “cisnes negros”, mas “rinocerontes cinzentos”), não costumam sair de seminários universitários e acadêmicos. Em alguns casos (Harari, 2016, 2018; Rees, 2019,³³ etc.), os autores escrevem livros amplamente divulgados que nos ilustram sobre esses possíveis futuros. Os políticos os tomam em consideração?

Políticos de todas as colorações, que poderiam aprender algo com essas perspectivas divulgadas, costumam ser alérgicos a considerar cenários e adotar estratégias que vão além dos quatro anos de seu mandato. Se são tão pouco numerosos os políticos que

³² SHENG, Andrew. From black swans to grey rhinos. *The Star*, 22 julio 2017; BARAM, Marcus. [Why the coronavirus crisis is a “gray rhino” and not a “black swan”](#). *Fast Company*, 10 marzo 2020.

³³ REES, Martin. *En el futuro. Perspectivas para la humanidad*. Barcelona: Crítica, 2019.



Antonio CORTIJO, Vicent MARTINES, Armando Alexandre dos SANTOS (orgs.). *Mirabilia* 30 (2020/1)

War and Disease in Antiquity and the Middle Ages
Guerra y enfermedad en la Antigüedad y la Edad Media
Guerra i malaltia en l'Antiguitat i l'Edat Mitjana
Guerra e doenças na Antiguidade e Idade Média

Jan-Jun 2020/ISSN 1676-5818

dispõem de conselheiros científicos permanentes, como pretender que se interessem em dar atenção ao que possam dizer grupos de especialistas sobre toda uma série de assuntos sobre os quais os políticos terão que legislar? Estes comentários se aplicam a todos os tipos de governos, de todo o mundo, e não apenas aos do nosso país.

Hoje ainda se discute se cientistas devem ditar a política (sanitária, em relação à pandemia desencadeada pelo coronavírus) ou se devem limitar-se ao papel de assessores, para os políticos, convenientemente assessorados, fazerem as leis e organizarem a logística a fim de resolver este e outros problemas de base científica. Minha experiência de muitos anos assessorando políticos do país e estrangeiros em questões ambientais me ensinou que esse dilema não está sendo visto em todos os seus aspectos.³⁴

Acredito firmemente que devem ser os eleitos, devidamente informados por especialistas, que devem fazer a política (e, é claro, devem ser responsáveis por ela perante a sociedade); mas, primeiro, é necessário que os políticos entendam o que os especialistas lhes dizem; segundo, que esses especialistas devem ser conhecidos pelo público e, de modo especial, pela comunidade científica, que é o melhor juiz para decidir se os conselheiros do governo são cientistas abalizados ou não; em relação à pandemia do Covid-19, seria necessário que os assessores científicos dos governos catalão, espanhol e francês, para não ir mais além, passassem pelo escrutínio da comunidade científica internacional.

E, em terceiro lugar, que os políticos levem muito em conta os pareceres científicos especializados, ao mesmo tempo, claro, que os pareceres não estritamente científicos (trabalhistas, econômicos, sociais etc. que também deverão considerar. Que eles atuem ponderando todas as opiniões de especialistas. Receio, porém, que político desse tipo também seja uma *rara avis*.

³⁴ ROS, Joandomènec. *Proposicions il·luminadores i insensates. Reflexions sobre ciència*. Barcelona: Empúries, 1999; *Exploració, joc i reflexió. Assaigs sobre ciència*. Lleida: Pagès, 2006.